

**CAMPUS UTOPICUS –
IMAGINATIVISMO E
UTOPIA. TRANSCRIÇÃO DE
UM FRAGMENTO**
*CAMPUS UTOPICUS –
IMAGINATIVISM AND
UTOPIA. TRANSCRIPT OF A
FRAGMENT*

Marcus Vinícius Matias (UFAL)¹

Resumo

O *Campus Utopicus – Imaginativismo e utopia. Transcrição de um fragmento* é o resultado de um projeto de pós-doutoramento, cujo objetivo era a criação colaborativa (entre docentes, discentes e corpo técnico) de uma proposta de intervenção imaginativa no *Campus* da Universidade Federal de Alagoas, visando a idealização desse *Campus* enquanto estrutura urbanística, política e social, de modo sustentável e humanizada. O que apresento aqui é parte desse resultado, no formato Entrevista,

¹ Pós-doutorado em estudos literários, com ênfase nos utopismos e na Ecocrítica; membro do grupo Literatura e Utopia, e docente da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, Maceió – Alagoas – Brasil. marcus.matias@fale.ufal.br

o qual descreve algumas dessas ideias e desejos do que poderia ser uma perspectiva utópica do *Campus* A.C. Simões, localizado em Maceió – Alagoas. Na transcrição de parte do material destinado à produção de um documentário em curta metragem, dois docentes e um discente elaboram projeções de seus imaginários sobre um lugar acadêmico ideal. O resultado esperado, tanto do projeto maior, quanto dessas entrevistas transcritas, é o de inspirar reflexões e ações que, de algum modo, transformem a realidade atual e denunciem as incoerências dos ataques às ciências e das tentativas de desmonte das Universidades, em contraste com a relevância das ciências para um corpo social saudável e próspero.

Palavras-chave: Utopismos; Imaginativismo; Sustentabilidade; *Campus* Universitário

Abstract

The Campus Utopicus – Imaginativism and Utopia. Transcription of a fragment is the result of a Post-PhD project, whose objective was the collaborative creation (among professors, students and technical staff) of a proposal for imaginative intervention on the *Campus* of the Federal University of Alagoas, aiming at the idealization of this *Campus* as a urban, political and social structure, in a sustainable and humanized way. What I present here is part of this result, in the Interview format, which describes some of these ideas and desires of what could be a utopian perspective of the A.C. Simões *Campus*, located in Maceió – Alagoas. In the transcription of part of the material destined for the production of a short documentary, two professors and a student elaborate projections of their imaginaries about an ideal scholar place. The expected result, both from the larger project and from these transcribed interviews, is to inspire reflections and actions that somehow transform the current reality and denounce the inconsistencies of attacks on science and attempts to dismantle universities, in contrast to the relevance of science for a healthy and prosperous social body.

Keywords: Utopianisms; Imaginativism; Sustainability; University *Campus*

É através da fala que, não raro, pensamentos submersos ou ideias avulsas se organizam, se assentam e se fazem concretos. Pensando nisso - e com a proposta de instigar o impulso utópico, trazendo à tona ideias e olhares críticos sobre o *Campus* Universitário da Universidade Federal de Alagoas - foram iniciadas as primeiras filmagens do documentário *Campus utopicus – imaginativismo e utopia*. Essa iniciativa aconteceu no início do verão de 2019, sob forte influência das experiências vividas no grupo de pesquisa Literatura & Utopia (FALE/UFAL).

A escolha de registrar em vídeo a manifestação desse desejo/sonho de um *Campus* melhor veio da percepção de que o uso espontâneo de fala seria mais apropriado para a captação dessas propostas imaginadas, do que na forma escrita, como, por exemplo, uma resenha ou um depoimento. Sendo assim, o formato documentário possibilitaria a criação de um ambiente para a livre manifestação e a troca de ideias entre entrevistadores e entrevistados e entrevistadas, além de interferir minimamente no processo de elaboração dessas ideias/desejos utópicos. O que apresento a seguir é um fragmento dessas conversas, mais focadas nas propostas que envolvem a reconfiguração utópica do *Campus* Universitário A.C. Simões, em Maceió, Alagoas.

O projeto *Campus utopicus – imaginativismo e utopia*² (2019 – 2020) surgiu com a proposta de fazer uma intervenção estrutural imaginativa no *Campus* da Universidade Federal de Alagoas, por meio da participação de seus e suas docentes, discentes, e do corpo técnico administrativo. O que motivou essa intervenção foi a ideia de se criar um modelo de Universidade sustentável e acolhedora, segundo o impulso utópico.

Partindo da percepção de que um *Campus* universitário em muito assemelha-se à organização política e espacial de uma cidade (só que em escala menor), decidi provocar a imaginação dos e das participantes do projeto, no sentido de transformarem em narrativas orais os seus desejos e sonhos de um lugar melhor, alinhando-se a ideia de uma cidade (topos) sustentável. A

² O termo “Imaginativismo” é de autoria da Dr. Joan Haran e “se refere às formas pelas quais comunidades interpretativas e ativistas são formadas, inspiradas e/ou revigoradas pela produção cultural ficcional” (Haran, 2018).

utilização de energia limpa, a reutilização da água, a humanização nas relações sociais e políticas, assim como a edificação de espaços acolhedores inseridos no projeto urbanístico desse novo ambiente eram algumas das minhas expectativas. Além de contribuir com uma possível proposta para uma gestão mais sustentável do *Campus*, essas experiências poderiam me ajudar a entender e especular como seria essa mesma intervenção na cidade de Maceió ou em qualquer outro centro urbano, respeitando, claro, suas particularidades e dimensões.

A proposta inicial era a de coletar depoimentos de docentes dos departamentos que formam o *Campus* A.C. Simões, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Esses depoimentos deveriam ser textos escritos por eles/a, os quais descreveriam suas formas de perceberem e idealizarem livremente o *Campus*, sendo, portanto, por uma perspectiva utópica e com base em suas determinadas áreas de atuação na UFAL.

A organização desses registros faria parte de uma coletânea de propostas organizadas no formato caderno científico, e seria utilizada dentro da comunidade acadêmica (docentes, discentes e corpo técnico) como material de apresentação, reflexão e discussão de propostas inovadoras e de possível intervenção no próprio *Campus*: reaproveitamento da água utilizada no ambiente acadêmico; utilização de fontes de energia não poluentes; organização urbanística e espacial que promovesse uma maior interação e sociabilidade entre os/as frequentadores/as do *Campus* (apenas para citar algumas). Sabendo que há uma margem que separa o ideal do real, essas propostas não teriam o objetivo de serem realizadas tal e qual, mas o de inspirar mudanças por meio de um projeto coletivo.

No entanto, por conta das diversas demandas de fim de semestre (período em que iniciou-se esse projeto) e, conseqüente, o excesso de atividades docentes, houve a necessidade de mudar o formato de coleta dos depoimentos, de modo que não tomasse muito tempo dos/as participantes. Foi então que a ideia de produzir um documentário no formato curta-metragem ganhou forma, porque era ao mesmo tempo um modo mais prático de

coletar os depoimentos desejados e de ter acesso às manifestações mais espontâneas do pensamento. É aí que soma-se ao projeto uma importante colaboração: a entrada em cena do professor doutor João Dias.

O professor Dias, cujo recente doutorado em São Paulo também lhe havia despertado um grande interesse por produções fílmicas, teve uma grande contribuição com conhecimentos técnicos de gravação de áudio e vídeo, e também na produção do documentário e nas entrevistas.

Com a mudança na metodologia de coleta dessas “narrativas do imaginário”, foram criadas três perguntas-chave, cujo propósito era o de manter uma unidade nas falas. A pergunta 1 (“Qual a importância do *Campus* para a sociedade?”) tem um caráter abrangente e foi pensada como uma forma de contextualização, para ir situando a discussão; a pergunta 2 (“Qual é a contribuição do seu departamento para essa relação *Campus/Sociedade*?”) objetiva criar uma ideia de vínculo participativo/colaborativo entre as áreas de conhecimento acadêmico, o *Campus* e a sociedade; e a pergunta 3 (“Como seria um *Campus* ideal, de acordo com sua imaginação, e qual seria a contribuição do seu departamento para isso?”) foi diretamente voltada para a questão do impulso utópico e ao mapeamento do *Campus* imaginado/sonhado, sendo, portanto, a mais importante e que viria em um momento em que os/as participantes estariam mais à vontade diante das câmeras e na elaboração discursiva de suas narrativas.

Das três perguntas mencionadas acima, apenas a terceira foi contemplada para compor os fragmentos que estão aqui, por ser ela a que mais diretamente aborda a proposta de projetar um espaço universitário sonhado e idealizado nos modos dos utopismos.

A participação da maior parte dos/as docentes e discentes convidados e convidadas para o documentário já foi filmada, mas tivemos que interromper as duas últimas entrevistas e o processo de edição e montagem do filme, por conta do isolamento social para nos proteger da COVID-19. Até agora temos editados

os depoimentos de dois docentes e um discente, e é a transcrição dessas entrevistas que será destacada como parte fundamental do projeto que descrevo aqui.

É importante notar que o tema de discussão, não só da filmagem do documentário *Campus Utopicus – imaginativismo e utopia*, mas do projeto como um todo, acabou acontecendo em um infeliz momento de estagnação e retrocesso social e político no Brasil, caracterizado por uma série de desmontes e sabotagens no sistema educacional, sobretudo atingindo as Universidades com cortes drásticos no orçamento, e também nas verbas para pesquisa.

Esses acontecimentos ajudaram a inspirar os/as participantes do documentário, no sentido de que as ideias foram alimentadas por essa realidade, o que me faz pensar que a divulgação desse material audiovisual (esperamos que em um futuro próximo) poderá servir como uma apresentação à sociedade do real valor das Universidades e, conseqüentemente, das ciências, para a cultura e o desenvolvimento social e econômico do país, em contraste com o retrocesso intelectual e científico que afetou a sociedade brasileira. Também poderá ajudar a própria Universidade em tempos de crise, ao discutir propostas que a torne sustentável, como o gerenciamento inteligente e econômico do uso da água e da energia, e também de torná-la mais segura e acolhedora.

Para compor o elenco de entrevistados/as, convidamos a professora doutora em Comunicação Social, Raquel do Monte; o professor doutor em Filosofia, Marcus José; e o discente de Engenharia do Ambiente, Gustavo Melo. O depoimento da professora doutora em Arquitetura, Flávia Araújo, até o momento da transcrição desses fragmentos encontra-se em processo de edição; e os depoimentos da professora doutora em Literatura e Linguística, Ildney Cavalcanti, assim como de um/a representante do corpo técnico, foram prejudicados pela necessidade de isolamento social por conta da pandemia da COVID-19. Pretendemos filmar o depoimento de representantes de outras áreas, como da saúde e das exatas, por exemplo, assim

que pudermos nos reorganizar.

Compartilho, nos parágrafos seguintes, as ideias e inspirações transcritas de algumas momentos que compõem o documentário *Campus Utopicus – imaginativismo e utopia*, na esperança de que elas também inspirem quem as lê e que ajudem a transformar sonhos em ações para edificarem um bom lugar.

Raquel do Monte – Comunicação

- Como seria um Campus ideal, de acordo com sua imaginação, e qual seria a contribuição do seu departamento para isso?

Me parece que o *Campus* ideal seria um lugar do encontro, o lugar da partilha de ideias, da partilha de experiências que não seriam exclusivamente científicas, mas outros processos de formação do conhecimento, outros tipos de partilha. Então acho que pensar esse conceito do ideal seria inicialmente pensá-lo como um encontro, e para ser um encontro seria pela ideia do afeto. E como é que você produz um encontro afetivo, no sentido de um encontro que afeta, que nós modifica, que transpassa, e é mais humanizado? Como pensar essa ideia do encontro afetivo dentro desse *Campus*, né? E como pensar a comunicação contribuindo com isso?

Se a gente observar a causa primeira da comunicação, esta seria comunicar. Pensar a comunicação, o ato de comunicar, também seria pensar as instâncias de poder e a desconstrução dessas hierarquias. É a relativização desses lugares muito sedimentados que existem dentro do *Campus* universitário.

Nesse sentido, dentro de uma perspectiva de um *Campus* ideal, utópico, o comunicar seria a promoção de um encontro com vários outros campos do conhecimento, para que houvesse uma proposta de sensibilização do olhar para essas ideias, a partir da comunicação. Porque a comunicação nos levaria às várias possibilidades de construção do discurso; como o do universo artístico: a arte como produtora de conhecimento e a comunicação com interesse de pensar a arte; a comunicação com o interesse de

pensar os discursos artísticos e colocar isso também como uma camada para essa ideia de um *Campus* ideal.

- *Que tipos de atividades e ferramentas tecnológicas, por exemplo, poderiam instigar esse tipo de comunicação?*

Atividades que extrapolem a dinâmica da sala de aula. Isso para mim é um pressuposto básico: imaginar um *Campus* ideal, é imaginar atividades para além da sala de aula; atividades que tenham um aspecto lúdico, mas ao mesmo tempo uma perspectiva de troca de conhecimentos, de ideias, dando espaço para diversas vozes. Isso também passa pela experiência do corpo: atividades que incluam experiências com o corpo.

Atividades como cine clubes também favorecem muito essa partilha, nessa troca de informação; atividade até de usar a terra, de construção, ou de plantar árvores, né? Aí você passa a ter outro olhar para o espaço público, que é um olhar diferente, porque não é apenas daquele [daquela] que está transitando, mas um olhar daquele [daquela] que participa da construção daqueles espaços físicos. Então você cede à fisicalidade daquele espaço e passa a ter outra experiência com ele e muitos outros espaços de convívio, no sentido arquitetônico e físico. No ponto de vista da Comunicação, do ponto de vista de atividades outras, a gente pensa em promover oficinas de comunicação, abrir as portas para atender a comunidade.

Também podemos pensar que cada curso pode ter uma rádio, que podemos ter um conteúdo comum, onde o aluno [e a aluna] passa a ser o sujeito e o curador [a curadora] daquela programação de conteúdo. São várias possibilidades porque é um lugar de muitos encontros e muitas singularidades colocados no espaço do comum e isso também é muito interessante.

A experiência cineclubista, por exemplo, alia esse desejo por uma cinefilia - considerando o cinema como um espaço de produção de conhecimento, de visibilização de existências – ao encontro da comunidade científica/acadêmica e com a sociedade em geral, porque as seções são abertas ao público. A nossa ideia é sempre exibir documentários essencialmente brasileiros, porque

isso vai dar uma possibilidade de mergulho em uma certa ideia de Brasil, discursos sobre o Brasil que são uma ferramenta muito boa para a reflexibilidade, não só pelo conteúdo, mas pelas linguagens que eles estão articulando. E o mais legal de uma experiência como essa é justamente a oportunidade da conversa, porque você vai poder despertar naquelas pessoas uma sensibilização do olhar, que passa pela questão da linguagem, em uma linguagem que atravessa a todos nós, que é a linguagem audiovisual. Então eles passam a perceber o audiovisual a partir de um outro lugar. E aí ocorre essa troca, né? Porque eles vêm também com experiências, com repertório.

Então me parece que a atividade cineclubista, dentro da universidade, é um bom ponto de partida para pensar esse *Campus* ideal, porque ela é uma atividade de diálogo e de encontro. É uma atividade construída para pensar a troca de saberes, para ter uma reflexividade. Acho muito interessante quando a gente apresenta temas que a princípio as pessoas não teriam acesso com facilidade. A gente apresenta discussões sobre a linguagem; discussões que têm a ver com a história daquele diretor, com a história do filme, com a própria história que o filme evoca.

Quando a gente entende isso, a gente passa a refletir mesmo sobre o real ou sobre o ficcional, sobre o discurso, sobre as historicidades. Acho que isso é pensar um *Campus* ideal, porque é você sair da sala de aula. A gente não tá negando a sala de aula, mas propondo uma espécie de exercício complementar, de exercício que vai para além daquela dinâmica tão instituída e que às vezes é tão empobrecedora também, porque ela tá tão regida por uma institucionalidade, que ela acaba achatando a potência daqueles encontros que acontecem em sala de aula.

Marcus José – Filosofia

Um primeiro elemento importante é dar uma tônica utópica para uma dimensão, pela filosofia, de como um *Campus* deveria ser: é a capacidade de transparência discursiva nos

vários âmbitos [mantida], nesse sentido, por nenhum tipo de autoridade, senão por aquela relacionada à capacidade de uma pessoa produzir bons discursos.

Pensando no *Campus*, isso, em tese, seria para as pessoas configuradas nos cargos (docentes, gestores/as, funcionários/as) terem efetivamente uma capacidade discursiva crítica e autocrítica, no sentido de ajudar os próprios agentes da Universidade no processo autocorretivo de melhorarem seu discurso. Então isso se aplicaria nas várias perspectivas que os vários cursos têm, sejam eles de caráter mais prático, sejam de caráter mais estético, ou mais político. Eu acho que esse é um elemento importante.

- Então, no lugar de uma relação vertical, o que haveria era uma relação dialógica que incluiria, inclusive, os/as discentes?

Exatamente. Isso quebra também com uma certa noção de autoridade que simplesmente quer se estabelecer por força da sua posição política, escamoteando o que a gente tradicionalmente chama de “o discurso pela busca da verdade”. Então seria um tipo de compreensão mais exata do mundo, mais correta do mundo. Isso é o utópico, mas pode ser menos utópico e, ao mesmo tempo, muito exigente, quando você cria uma compreensão de que o processo discursivo e o diálogo se tornam autocorretivo. O professor [e a professora] não pode considerar-se alguém que simplesmente tudo que fale tem que ser tomado como algo verdadeiro ou justo, independente do que os interlocutores possam pensar.

Então o uso da linguagem dentro de uma dimensão exigente de diálogo (mas não é de qualquer diálogo) pede a criação de estruturas para isso: criar espaços com regras que dinamizem ao máximo essas relações na sala de aula e fora dela: espaços de encontro político, espaços de encontro festivo, onde, de alguma maneira, toda essa exigência corretiva do discurso se manifeste. Claro, dentro das regras de cada momento, mas acho que criar

espaços, estruturas e uma maior transparência discursiva e de diálogo é criar algo importante para a filosofia.

Outro aspecto em que eu acho que a filosofia, nesse contexto específico, posiciona-se dentro dessa possibilidade [de negociação discursiva em uma perspectiva utópica] é exatamente em relação ao poder, à política, e isso requer, no final das contas, outro tipo de compreensão e organização do poder dentro da Universidade. Então é a força dos conselhos, a força da deliberação coletiva, democrática, efetivamente representativa, que tem que ser algo cultivado: transparências nas decisões, transparência naquilo que é planejado, o que é feito, os recursos que são utilizados, para dar uma possibilidade de interferência nas decisões sobre os destinos políticos e nas verbas para a comunidade acadêmica.

Dentro desse aspecto, acho que devemos fomentar uma compreensão mais humanizada para as relações dentro do *Campus*, como se este fosse um modelo possível de gestão na construção das relações humanas, de algum modo balizado por esse tipo de compreensão discursiva.

Também acho importante a construção de uma sensibilidade igualmente estética. O mundo contemporâneo, apesar de muito afetado esteticamente, é muito massificado nas suas vivências estéticas. Então, quando pensamos o *Campus* como um lugar geograficamente estabelecido, é ali que deve ser um lugar que ao mesmo tempo expresse várias ideias e afete positivamente também as pessoas que o visitam, para fazê-las pensar em perspectivas diferentes e livres.

- *Como você imagina esse lugar?*

Primeiro, eu acho que arquitetonicamente ele deve ser belo, não só funcional: deve ter jardins e sua própria funcionalidade ser estetizada.

A gente fez uma experiência no curso de Filosofia, que foi intervir esteticamente nos corredores e agora estamos também trabalhando em um pequeno jardim. O interessante é como, depois dessa primeira intervenção estética – pinturas artísticas nas paredes -, o lugar se transformou em um local de convívio,

mesmo ainda não tendo nada, nem banco. As pessoas sentavam no chão só para ficar ali perto. Isso é o que eu acho que é o lugar da diferença: a estética do lugar. Às vezes não são só estudantes que frequentam esse novo espaço, mas pessoas de fora da comunidade acadêmica, que às vezes aparecem lá, tiram fotos e ficam por ali mesmo.

De uma maneira mais ampliada, poderíamos criar esses espaços pelo *Campus* como um todo. Se potencializássemos essas iniciativas, não só as pessoas da comunidade acadêmica, mas toda a sociedade poderia fluir em um movimento para dentro do *Campus*, de algum modo. Às vezes não são coisas muito difíceis de fazer, mas é muito mais uma decisão de querer fazer uma intervenção estética no lugar. Tem muita força na própria Universidade, tem muita gente na própria Universidade que faz isso.

No entanto, falando bem especificamente da nossa Universidade, porque falar em utopia é falar do nosso *topos* (rsrs), esse tipo de intervenção no *Campus* não é efetivamente uma grande preocupação dos gestores, talvez por haver outros problemas. Essas iniciativas partem de alguns setores ou cursos isolados. Acho que isso é preocupante porque os gestores são, no fundo, pessoas egressas de espaços universitários, mas que muitas vezes não têm essa sensibilidade para a dimensão artística e estética.

- *Os prédios que são construídos no Campus também deveriam ser pensados para serem lugar de convívio agradável.*

Exatamente, agradável e funcional. Acho que tudo na Universidade deve estar, de alguma maneira, confluindo para aquilo que falei anteriormente: para a qualidade da percepção, do entendimento e da capacidade discursiva das pessoas. Sem dúvida nenhuma, o espaço estetizado ajuda nisso, ajuda na possibilidade de pensar coisas novas, na possibilidade de melhorar aquilo que você já conhece, de aperfeiçoar aquilo que

you are testing as an idea. Without doubt, a place that has a good structure, esthetically constructed, potentiates enormously this state of intellectual production and creates an *ethos* university, where determined practices are much easier to be realized, especially the practice of debate.

Gustavo Melo - Engenharia Ambiental

-Pela sua visão como aluno de Engenharia Ambiental na UFAL, como você vê o Campus e como imagina que ele poderia ser melhor?

I see many considerable spaces in the *Campus*, like the one next to the library, which are full of solid waste. There are even specific places where you can throw away renewable/recyclable objects, but we need to expand this principle in the *Campus*. We could think of using them better for these spaces.

I also think we could create a project for a bicycle lane and have more sensitivity for the situation of wheelchair users. I think that using the bicycle [as a means of transport within the *Campus*] would be a great action to reduce the emission of carbon dioxide from the University, besides creating a healthier life for students [and students], because riding a bicycle is a physical activity that will make you more active [and active]. With an idea like this, organized by various courses and environmentally correct, we could make the *Campus* much more interesting.

Another thing that I think is important is to make the *Campus* more attractive for people who come from the interior (to study at UFAL), or even for those who live in Maceió. How can we do that for these people to find the *Campus* interesting? If there were more events [scientific] to attract the staff (events that would not only be for the students of UFAL), we could create opportunities to attract people who want to be part of UFAL. The *Campus* gives me perspectives,

o que eu posso fazer é dar para ele perspectivas também. A gente tem diversas organizações jovens, desde empresas Juniores que fazem diversos trabalhos (sejam de engenharias, sejam de design ou nutrição, por exemplo), que podem trazer novas perspectivas para as experiências dentro da Universidade.

Essas iniciativas podem desenvolver projetos em diversas áreas e contribuir com trabalhos dentro da própria Universidade. Por exemplo, a forma como a limpeza é feita no *Campus*. Se a gente fizesse um projeto de, em vez de usar os produtos de limpeza comuns, a gente pudesse usar um produto de limpeza à base de sabão de coco e água, só mudando a concentração? Com isso a gente poderia contribuir com a redução do gasto com esses produtos e com a emissão de resíduos químicos nas redes de esgoto da UFAL.

As ideias são muitas, com projetos que vão desde capacitar pessoas com deficiência até produzir hortas; dar uma perspectiva de futuro para crianças e também alimentação de qualidade. Então, nesses grandes espaços (que estão servindo de depósito de resíduos sólidos), se a gente constrói uma horta coletiva e elabora um programa na UFAL que a gente possa chamar as pessoas do Ensino Médio, sejam de escola pública ou privada, elas vão ver que aqui é um lugar interessante, que há possibilidades de desenvolvimento de alimentos saudáveis e talvez queiram produzir algo assim no futuro.

Eu acho que o que mais tem na UFAL atualmente é oportunidade, tanto de pessoas quanto de espaços, para a gente construir hortas, para inserir bicicletas. No contexto da Engenharia Ambiental eu falo de horta e bicicleta, mas também existem muitas outras coisas, que, inclusive, podemos ampliar com a ajuda de cursos como o de Comunicação, na divulgação e ampliação dessas iniciativas.

- *Em relação ao uso da água, o que você acha de mudarmos o sistema como a utilizamos no Campus e a reutilizarmos?*

Existem projetos, hoje em dia, que captam 100% de água da chuva. Se a gente usasse isso no *Campus*, inserindo um

sistema de captação de chuva em cada bloco, a gente conseguiria reutilizar essa água nas hortas que falei, reduzindo o gasto com água em até 90%. Podemos, inclusive, criar modelos específicos de sistema de captação de água de chuva, para o clima e a vegetação que temos no *Campus*. Esse é um exemplo de como devemos ter mais cuidado com a água que temos por lá.

Essas soluções/ideias podem ser pensadas para programas de extensão, abrangendo tanto a coleta e reciclagem de lixo dentro de todos os Campi da UFAL, como outras possibilidades de reutilização do lixo, para que possa servir às comunidades do entorno da UFAL, oferecendo material para as cooperativas de catadores de lixo, por exemplo.

- A ideia das bicicletas é muito boa, mas como conciliar isso com o calor do verão nordestino?

O primeiro de tudo é fazer blocos inteligentes, que tenham um sistema de ventilação para que tenhamos salas bem arejadas, em vez de morrermos de calor nesses espaços ou quando nos movimentando dentro dos blocos. Então temos que analisar bem essa ventilação, essa engenharia dos blocos, e continuar arborizando cada vez mais os espaços. No bloco de medicina tem um jardim de plantas medicinais que é super ventilado. Então acho que a gente deve continuar arborizando o *Campus* e estudar esse material que a gente coloca no chão, para que ele não esquente tanto, não deixe tanto calor, e também da gente ter mais pontos de bebedouro.

Existe uma área da Engenharia Ambiental, que é a gestão ambiental. Ela trabalha na inteligência ambiental dos locais. Isso é mais comum nas indústrias, tendo a função de diminuir o gasto de água ou emissão de poluentes gasosos. Para a gente trabalhar nisso, não vai necessitar só da construção de novos prédios, mas também analisar soluções que podem ser feitas dentro de imóveis já existentes, como os Blocos de Sala de Aula (BSA) do *Campus*. Se estamos economizando água, por exemplo, também vamos estar economizando energia, e economizar energia é economizar dinheiro. Então, se a gente conseguir criar uma economia, dentro

disso, que nos possibilite colocar ventiladores e ar-condicionados dentro dos blocos, isso será um ganho que podemos ter com essa mudança na gestão ambiental.

Essa questão sobre os blocos é realmente sobre como uma pequena ação de um curso pode influenciar tantos pontos, mas não influenciar sozinho. Temos que começar a pensar no impacto que essas ações, de um curso ou de alguns cursos em alinhamento, podem causar no *Campus*, quando isso se torna coletivo e sustentável.

Acho que não existem muitas medidas ainda para isso. As organizações na UFAL ainda estão muito isoladas: cada um no seu canto. Mas parece que está mudando aos poucos, tem o pessoal do DCE que tem ideias para aumentar o contato entre os grupos de pesquisa, e a criação de mais espaços de convivência, como o CIC, que vai ajudar o pessoal a ter mais contatos espontâneos.

Então acho que a gente não tem ainda esses espaços, mas a gente está criando o ambiente necessário para que eles comecem a nascer. Ainda podem ser feitas mais atividades, como essas interações entre os cursos: essa entrevista, por exemplo, é uma interação entre cursos. Então eu acho que é fazer isso e refletir sobre o que nos traz de bom, porque aqui [nesse espaço da entrevista] a gente tá trocando (e tendo) novas ideias.

Notas fragmentárias

Durante as filmagens das entrevistas para o documentário do projeto *Campus utopicus – imaginativismo e utopia*, não foi raro percebermos como esse exercício de projeção dos impulsos utópicos (os desejos por um *Campus* ideal), nos provocava reflexões sobre a atual situação de vivência no *Campus*, experimentada por todos os que o frequentam: docentes, discentes e corpo técnico. Apesar de não ter ocorrido nenhum contato entre os entrevistados e as entrevistadas, ficaram evidentes em seus discursos algumas dessas faltas que hostilizam a experiência de convívio no *Campus*.

Alguns exemplos notados foram: 1) a falta de jardins

e outras estruturas urbanísticas que tornem a vivência no Campus em uma experiência mais agradável e humanizada; 2) a necessidade de que o Campus seja um espaço não só de aprendizado (passivo), mas também de trocas; de trocas, por meio de relações dialógicas e da construção de novos conhecimentos; 3) a necessidade de um Campus como local que afete os encontros, sendo, portanto, um lugar afetivo; e 4) criar possibilidades e situações que tornem o Campus um lugar de maior relação com as comunidades externas a ele.

Outra reflexão sobre a atual situação do Campus, despertada por essas entrevistas e durante as conversas nos bastidores, foi o então estado de violência e desmonte contra às ciências e às instituições de ensino. Tal reflexão enfatiza a certeza de como é vital lutarmos pela garantia dessas vias de desenvolvimento científico, social e humano, para que mantenhamos um corpo social saudável e em constante crescimento econômico, cultural e humanizado.

Os depoimentos que compuseram essas entrevistas, e que em muito assemelham-se ao estado de sonhos acordados, são alguns fragmentos de outros diversos sonhos/desejos que povoam o imaginário das pessoas que habitam e nutrem carinho pelo *Campus A. C. Simões*. Daí a vontade de ver esse topos como mais do que um lugar ideal, mas um lugar concretamente engendrado e melhorado pela via do conhecimento e da prática científica que pulsa em cada um dos seus blocos que urbanizam o *Campus*. Pela via, também, das intervenções tão orgânicas e tão certas, cuja força vem da presença daqueles e daquelas que circulam e, de alguma forma, interveem em cada espaço que lhes cabem, nesse universo identitário.

- Participantes dos fragmentos do imaginário:

Marcus V. Matias – Diretor, Coordenador, editor e idealizador do projeto *Campus utopicus – imaginativismo e utopia*, é professor de Literatura em língua inglesa da Universidade Federal de Alagoas, no curso de Letras Inglês. Doutor em Linguística e

Literatura pela UFAL. Membro do Grupo de Pesquisa Literatura e Utopia da UFAL.

João Carlos Dias – Diretor, editor e colaborador do projeto *Campus utopicus – imaginativismo e utopia*, é professor de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas. Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Na área audiovisual, tem formação em Direção de fotografia Cinematográfica (2017) e Cinematografia Digital-DRSL (2016), pelo Centro Cultural B_arco (São Paulo); no gênero de Ficção (2016), Documentário (2015) e em Edição (2015), pela Academia Internacional de Cinema de São Paulo (AIC-SP); e em Fotografia (2016), pelo Senac-Sp.

Raquel do Monte Professora de Audiovisual da Universidade Federal de Alagoas. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com tese sobre a errância no cinema contemporâneo. Mestre em Comunicação (UFPE), realizou pesquisa sobre as relações entre Cinema e Literatura. Atualmente realiza pesquisa sobre escritas de si e ensaísmo no cinema.

Marcus José Alves é professor de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas. Doutor em Filosofia (Doutorado Integrado de Filosofia – UFPB-UFPE-UFRN), no qual investigou sobre a problemática da vontade na obra de Wittgenstein(2010). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (1999). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Linguagem, Metaética, Filosofia da Mente e Epistemologia.

Gustavo Melo é estudante de Engenharia Civil, membro do diretório de assuntos acadêmicos do centro acadêmico de engenharia civil, membro do projeto Cromo Somos e Gestão de Pessoas.

Bibliografia

HARAN, Joan. “Imaginativismo: Explorações do Impulso Utópico dos Feminismos da Ficção Científica e do Ativismo do Leitor/a/

Escritor/a”. In: MATIAS, Marcus Vinícius. (org); CAVALCANTI, Ildney. (Org.); AYMORE, Ana Cláudia (Org.); BENICIO, Felipe. (Org.). *Trânsitos Utópicos*. 1. ed. Maceió: Edufal, 2019. v. 1. 450p.

MATIAS, Marcus Vinícius. “Ativismo literário - Ecotopia”. *Via Panorâmica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, Porto, série 3, vol. 9, n.º 1, 2020, pp. 10-28. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.lettras.up.pt/>.